

# APRESENTAÇÃO

O vol. 20, nº 3, da revista *Em Tese*, traz como tema para o dossiê: “**REFLEXÕES IMPURAS – fronteiras entre ficção, crítica e teoria literária**”. Com este tema buscamos colocar em pauta o estatuto da crítica literária, tal como vem sendo praticada hoje, “de modo a problematizar os protocolos de leitura que defendem a disjunção entre sujeito e objeto, saber científico e saber narrativo, teoria e ficção, texto literário e texto crítico”.<sup>1</sup> Enfatizamos que esse dossiê não busca fazer apologia de uma linguagem ou forma de análise (supostamente) experimental, “impura” e despojada em detrimento (ou depreciação) de outra – analítica, “pura” e sistemática. Buscamos, sobretudo, fomentar a discussão acerca de (in)certa tradição de linguagens e de práticas de escrita vigentes, hoje, no âmbito das críticas e das teorias literárias.

Vários foram os esforços ao longo do século XX de se pensar e rever os protocolos e rituais do discurso crítico sobre o texto literário. Do ensaio como forma benjaminiano à *nouvelle critique*, da disseminação da crítica-escritura barthesiana à leitura desconstrutora chegando aos estudos culturais, várias vertentes metodológicas buscaram processar modificações nos métodos e práticas da análise literária. Como frutos positivos, vimos o questionamento do estatuto científico do discurso teórico sobre a literatura, a união do experimental, do empírico e do artístico, a conceituação do saber como bricolagem, a quebra de hierarquias entre campos disciplinares e discursivos, o abandono de critérios como a literariedade, a ampliação da ideia de texto, a valorização de textos marginalizados pela cultura oficial e, sobretudo, a abertura de caminhos

1. LOPES, Silvína Rodrigues; VASCONCELOS, Maurício Salles. Poesia e teoria na era da indiferença. *Sibila*. 25 de fev. 2011. Disponível em: <<http://sibila.com.br/critica/poesia-e-teoria-na-era-da-indiferenca/4625>>.





para se renovar a crítica literária como gênero. Contudo, tais propostas também tiveram efeitos negativos, sendo assimiladas como criatividade espontânea, dando margem a uma “estetização do teórico” de cunho generalizante, além de sugerir a dispensa de reflexão sistematizada e do rigor técnico, o que, de certa maneira, contribuiu para a banalização da atividade crítica e teórica, minando os esforços que afiançaram a legitimação dos estudos literários como campo epistemológico.

A título de exemplo, tomemos os trabalhos de Walter Benjamin, Jorge Luis Borges, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Hollanda, Lévi-Strauss, Roland Barthes, Maurice Blanchot, Silviano Santiago, Emir Rodrigues Monegal,

Daniel Link, Roberto Schwarz, Flora Süssekind e Beatriz Sarlo (dentre tantos outros). Suas obras não só redimensionam as fronteiras entre campos disciplinares, mas, também, propiciam interseção entre as linguagens crítica, teórica e artística, em contraponto a um discurso acadêmico-científico lastreado na oposição arte x ciência e em atributos como assertividade, impessoalidade, objetividade e originalidade.

Ao empregarem procedimentos próprios à literatura, esses autores apostam em um esforço de explicitar, no texto crítico, o desafio de uma crítica especulativa, experimental e hipotética não só no plano dos enunciados, mas também no plano de configuração formal de seus discursos. Na



contramão de um movimento estabilizador, organizador de sistemas e métodos, imanente ao esforço analítico e teórico de compreensão da instituição literária, sugere-se outra via, que aposta na propensão desestabilizadora e plástica da teoria da literatura, que busca restituir ao trabalho de leitura do literário um potencial de pluralidade.

Em resposta a tal proposta, o **Dossiê** traz os artigos “Introdução ao Método Biografemático”, de Sandra Mara Corazza. “Documentos de passagem”, de Mauricio Salles Vasconcelos. “Vila-Matas pensa em sua arte: Os (des)caminhos da ficção crítica”, de Nadier Pereira dos Santos. “O bairro de Gonçalo M. Tavares: máquina de criar vizinhanças”, de Maria Elisa

Rodrigues Moreira. “Intercessões entre literatura e filosofia segundo Deleuze e Guattari”, de Rafael Lovisi Prado. “Memória e ficção: Em meio aos deslocamentos literários”, de Luiza Santana Chaves. “*Fela*, de Carlos Moore: narrativas de um *Abiku*”, de Gustavo Oliveira Bicalho. E “Prática autoficcional: tentativas de apreensão de um conceito”, de Jacqueline Oliveira Leão.

Já a seção **Ensino de Literatura e de Teoria da Literatura** (antes Ensino e Teoria) conta, neste número, com os ensaios “Literatura Comparada / indisciplina”, de Eneida Maria de Souza, e “Querelas de ontem, querelas de hoje: a teoria da literatura como desafio à formação do leitor”, de Tarsilla Couto de Britto.



A seção **Crítica Literária, outras Artes e Mídias** traz os artigos “Texto, encenação e cinema”, de Rafael Conde, que investiga sobre o roteiro cinematográfico como obra autônoma, e “*A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas: do fantástico à utopia”, de Aline Sobreira de Oliveira, que nos conduz à reflexão sobre a relação entre gêneros literários e representações do feminino no livro publicado originalmente em 1899.

Na seção **Tradução e Edição**, Ana Elisa Ribeiro apresenta “Redes de edição e redes sociais: cruzamentos e questões”, texto em que discute o cruzamento dos papéis de editor e de autor nas contemporâneas “redes” e mídias editoriais; nesse sentido, além de apresentar um breve panorama autoral/

editorial, faz-se uma discussão sobre a positiva relação de autores e editores com as tecnologias digitais em favor da potenciação de suas produções.

Na seção **Em Tese**, contamos com os trabalhos “Estudo sobre a condição de ‘(não) animalidade humana’ e a dualidade do ‘eu’ na obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa”, de Ana Carolina Torquato, sobre a questão da animalidade presente na referida obra Rosa; “*Revista Literária do corpo discente da UFMG: um periódico revelador de escritores*”, de Enio Luiz de Carvalho Biaggi, que consiste na análise comparativa da *Revista Literária do corpo discente da Universidade Federal de Minas Gerais*, abordando sua história,



importância e relação com outros periódicos artísticos a ela contemporâneos; “Saudades de destino”: forças e corpos *fora de regra* no *Corpo de Baile* de Guimarães Rosa”, Danilo Patrício apresenta uma leitura das trajetórias dos personagens do conto “A estória de Lelo e Lina”, que integra os volumes de *Corpo de Baile*, de João Guimarães Rosa, a fim de propor questões a partir da ideia de uma escrita em movimento; por último, “Breve genealogia do espaço íntimo: as práticas da escrita de si e a ascensão do individualismo moderno”, de Nathalia de Aguiar Ferreira Campos, no qual a autora rastreia as origens da prática da escrita íntima e dos demais gêneros que se ocupam da trajetória individual, com destaque para a correspondência pessoal.

Em **Entrevistas** temos, nesta edição, duas colaborações. Na primeira, “Barbárie e poesia, eu e ela”, Myriam Ávila conversa com a escritora, artista plástica e professora Vera Lins acerca do livro *O poema em tempos de barbárie e outros ensaios* e da ficção autobiográfica *Desejo de escrita*, ambos publicados em 2013. Na segunda, “Roteiro de variações”, Cleber Cabral e Sérgio Lima sondam o editor, ensaísta e “poeta sem qualidades” Manuel de Freitas acerca de sua poesia e a respeito da relação do poeta com o contemporâneo, dentre outros assuntos.

Em **Resenhas**, Davi Pimentel discorre sobre a reposta de Jean-Luc Nancy a Maurice Blanchot em *La Communauté désavouée* (2014); Mariana Lopes resenha o documentário *Pixo* (2009), de João Wainer e Roberto T. Oliveira; e,

num formato diferente, Alex Neiva comenta o “Colóquio Internacional Artífices da correspondência”, ocorrido no ano de 2014 na USP.

Finalmente, na seção **Poéticas**, temos a colaboração de Manuel de Freitas, que gentilmente permitiu a publicação de quatro poemas neste número. Ainda no campo das artes da palavra, apresentamos a série “riscos”, de Mariana Lage, composta por um poema seguido de seis haikais. No campo das artes plásticas, apresentamos a série de desenhos “Trahison”, de Marco Antonio Mota, série de desenhos e aquarelas em que, a partir da relação entre imagens e frases, especula os sentidos e direções na representação de valor

pela linguagem do dinheiro. É também de Marco Mota a imagem que estampa a capa desta edição.

Boa leitura!

Cleber Araújo Cabral

Felipe Oliveira de Paula

Gustavo Cerqueira Guimarães

João Alves Rocha Neto

Josué Borges de Araújo Godinho

